

# A RESPOSTA TERAPÊUTICA DA EQUOTERAPIA PELO OLHAR DO ACOMPANHANTE EM UMA INSTITUIÇÃO DE MACEIÓ (AL)

Marilane Santos<sup>1</sup>

Nathania Carla Lopes de Lima<sup>2</sup>

Rosimari de Faria Freire<sup>3</sup>

Fisioterapia



ISSN IMPRESSO 1980-1769

ISSN ELETRÔNICO 2316-3151

## RESUMO

A Equoterapia foi reconhecida enquanto método terapêutico e educacional em 1997, e atualmente é aceita como método terapêutico a ser incorporado ao conjunto de planos e manobras correlacionadas aos programas de reabilitação, aos portadores de necessidades especiais. Trata-se da utilização do cavalo como agente promotor de ganhos na ordem física, psicológica e educacional. O presente estudo teve a pretensão de conhecer os benefícios da Equoterapia, sob a ótica dos responsáveis e ou acompanhantes das crianças praticantes desta modalidade terapêutica, em uma Instituição de Maceió/AL. Participaram da pesquisa 50 pais/responsáveis das crianças praticantes de Equoterapia, que voluntariamente responderam a um questionário semi-estruturado, no período vespertino. Os resultados revelaram que a maior parte dos praticantes era do sexo feminino (56%); a faixa etária que predominou foi de 09 a 13 anos de idade (28%); o diagnóstico clínico mais frequente foi o de autismo (96%). Todos os pacientes (100%) eram acompanhados por uma equipe multidisciplinar e os pais e/ou responsáveis (96%), considerou eficaz o método terapêutico para a melhora do quadro clínico das crianças, sendo destacado a melhora no desenvolvimento motor (38%). Os pais e/ou responsáveis (98%) indicariam a Equoterapia como terapia para outras crianças. Mais estudos são necessários, avaliando os praticantes da Equoterapia em sua totalidade, e em cada alteração clínica

específica, para que se possa conhecer os benefícios terapêuticos individualizados por injúria, e sob um olhar técnico, na Instituição lócus desta pesquisa, visto a escassez de publicações direcionadas ao assunto em destaque.

## DESCRITORES

Perfil; Equoterapia; Crianças.

## ABSTRACT

Equine therapy was recognized as a therapeutic and educational method in 1997 and is currently accepted as a therapeutic method to be incorporated into the set of plans and maneuvers related to rehabilitation programs for people with special needs. It is the use of the horse as a promoter of gains in the physical, psychological and educational order. The present study had the pretension to know the benefits of Equine Therapy, from the point of view of the responsible ones and or accompanying ones of the children practicing of this therapeutic modality, in an Institution of Maceió/ AL. Fifty parents / guardians of the children practicing Equine Therapy participated in the research, who voluntarily answered a semi-structured questionnaire in the evening period. The results showed that the majority of the participants were female (56%); the predominant age group was between 09 and 13 years of age (28%); the most frequent clinical diagnosis was autism (96%). All patients (100%) were followed up by a multidisciplinary team and the parents and / or caregivers (96%) considered the therapeutic method to improve the clinical condition of the children effective, with an improvement in motor development (38%). Parents and / or caregivers (98%) would recommend Equine therapy as therapy for other children. More studies are needed, evaluating the practitioners of Equoterapia in its totality, and in each specific clinical alteration, so that one can know the therapeutic benefits individualized by injury, and under a technical look, in the locus of this research, given the scarcity of publications addressed to the subject in focus.

## KEYWORDS

Profile. Equine Therapy. Children.

## 1 INTRODUÇÃO

A Equoterapia é um método terapêutico que utiliza o cavalo como recurso cinesioterapêutico, numa abordagem interdisciplinar, nas áreas de equitação, educação e saúde, com objetivo de reeducação e reabilitação motora e mental dos praticantes (NIEHUES; NIEHUES, 2014). A técnica tem sido descrita em diversos artigos científicos como uma prática terapêutica, utilizada para tratar diversos padrões de disfunções neurológicas em crianças, apresentando eficiência já comprovada.

Fonseca e Lima (2004), também descreveu a Equoterapia como um método terapêutico e educacional, que emprega o cavalo dentro de um tratamento pluridisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, que busca o progresso biopsicossocial de crianças ou adultos, portadores de alguma deficiência e/ou necessidades especiais. Segundo Frazão (2001), o método que utiliza o cavalo, deve ser visto como uma técnica reeducadora, que trabalha para solucionar falhas sensoriais, motoras, cognitivas e comportamentais, durante um exercício lúdico e desportivo, ofertando condições para tratamento destes pacientes.

Santos (2009) fez um relato sobre a evolução da terapia, utilizando o cavalo, mostrando que já se pensava em utilizar os efeitos do movimento do cavalo para restabelecer a saúde, desde 1772, afirmando que o passo como a andadura é benéfica e eficaz do ponto de vista terapêutico. O autor afirma que apenas em 1901 houve os primeiros relatos de atividades equestres ligadas a um Hospital Ortopédico em função dos feridos pós-guerras.

No Brasil, há mais de quinze anos, que a prática da Equoterapia foi estabelecida como estratégia terapêutica, instituída em 10 de maio de 1989, pela Associação Nacional de Equoterapia ANDE-BRASIL, passando a obedecer a legislação brasileira específica das áreas de saúde (ANDE-Brasil, 1999).

Em seu artigo, Silva (2008), mostrou a importância da Equoterapia como uma modalidade terapêutica para crianças com necessidades especiais. Atualmente, vários autores atribuem um lugar em destaque a terapêutica com o cavalo, considerando o animal como um agente de reabilitação e educação, pois ele é capaz de motivar as pessoas com necessidades especiais, por meio de seu movimento tridimensional, possibilitando condições para uma reabilitação.

Para Freire (1999), somente o cavalo pode transmitir ao seu montador uma sensação de segurança e autonomia, pois um dos objetivos para o sucesso da reabilitação, é que o paciente se sinta confiante por conduzir um animal dócil, porém grande e forte.

Segundo Starling (2016), o movimento tridimensional proporcionado pelo cavalo, é importante na reabilitação dos pacientes, pois, o caminhar ritmado do animal, impõe deslocamento da cintura pélvica nos planos vertical e horizontal em torno de 5cm, e uma rotação de mais ou menos 8 graus, para um lado e para outro, desta maneira, observa-se um estímulo ao ajuste tônico, que facilita informações proprioceptiva.

Marins (2010) observou que o animal nunca está completamente parado, pois quando realiza a troca de apoio das patas de forma alternada, desloca a cabeça ao olhar para os lados, movimenta junto seu dorso, associando com flexões da coluna, com o abaixar e o alongar do pescoço, impondo ao cavaleiro um ajuste constante no seu comportamento muscular, a fim de responder aos desequilíbrios provocados por estes movimentos.

Segundo Ladislau (2000), o cavalo pode mover-se de três modos: ao passo, ao trote e ao galope. Além do autor, Medeiros e Dias (2002), também apresentaram que nessas fases de andaduras, o cavalo não movimenta os lados da mesma forma, sendo que os movimentos das patas são desiguais e aos pacientes serão impostos acompanhar esses movimentos, para que possam manter o equilíbrio e a coordenação, no dorso do cavalo, para movimentar simultaneamente a cabeça, ombros, troncos,

braços e o restante do corpo, dentro das limitações de cada criança.

Para Freire (1999), as indicações para o tratamento da hipoterapia, outra designação da Equoterapia são: As Síndromes neurológicas (Down West, Rett e outras); Lesões cerebrais (Paralisia Cerebral, Traumatismo Crânio Encefálico, Sequelas de Lesões Medulares, Acidente Vascular Cerebral); Distúrbios Comportamentais; Atraso Maturoativo; Distúrbios Auditivos; Distúrbios Visuais; Alterações na Coordenação Motora Grossa, como no salto e Fina como na escrita; Distúrbio Cerebral Mínimo; Linguagem; Demências; Ansiedade; Sequelas de Patologias Ortopédicas; e Psicoses Infantis.

Em 2008, Santos apresentou que a Equoterapia poderia ser utilizada como recurso cinesioterapêutico e pedagógico, que poderia promover a inserção social, portanto, indicada para o tratamento dos quadros clínicos de doenças genéticas, neurológicas, musculares e ortopédicas, sequelas de traumas e cirurgias, distúrbios psicológicos de aprendizagem, linguagem e comportamentais.

Os benefícios adquiridos pelas crianças por meio da prática realizada, faz com que haja conquistas com um tempo do tratamento, podendo ser observado melhora na postura, uma vez que exige o alinhamento, controle e equilíbrio do tronco, fazendo com que a coordenação motora e a integração sensorial fiquem bem mais valiosas com o decorrer da prática terapêutica (MEDEIROS, 2010).

Wollrab (1998), apresentou que como a técnica é aplicada ao ar livre, facilita o tratamento, fazendo com que os praticantes conquistem benefícios psicossociais, que os poderão tornar mais confiantes em relação a suas potencialidades, melhorando sua autoestima, demonstrando iniciativas e independência, o que certamente lhes permitirão melhor interação social, além de uma resposta satisfatória no tônus muscular, que de uma maneira geral, no caso das crianças, permitirá aprimoramento das reações de equilíbrio, enriquecendo os movimentos durante o seu desenvolvimento motor.

Entende-se que os terapeutas conseguem perceber mais facilmente a evolução e ou a melhora do quadro motor, sensitivo e ou cognitivo dos praticantes, porém, as respostas terapêuticas devem, também, estar claras aos responsáveis e ou acompanhantes dos praticantes da Equoterapia, para que sirvam de incentivo na continuidade ao tratamento, já que são eles quem conduzem as crianças para a continuidade do tratamento.

A prática da Equoterapia como método terapêutico tem-se difundido, isto se justifica pelos seus objetivos de estimular o indivíduo como um todo, favorecendo as funções neuromotoras, cognitivas e psicossociais. As melhoras que a Equoterapia proporciona à criança com autismo, hidrocefalia, atraso mental e tantas outras patologias, que utilizam este método como tratamento, deve influenciar no aumento das indicações pelos pais que acompanham a evolução positiva do quadro clínico dos filhos, que apresentam algumas dessas patologias acima citadas.

Neste contexto, o presente estudo teve o propósito de demonstrar a percepção que os acompanhantes das crianças que praticam Equoterapia têm, da sua evolução clínica, ou seja, como os responsáveis percebem a Equoterapia como uma modalidade terapêutica. Sendo a percepção dos pais e/ou acompanhantes, vista como um fator importante para o progresso no desenvolvimento dos praticantes, funcionando como feedback ao trabalho desenvolvido no Centro de Equoterapia.

## 2 METODOLOGIA

O estudo tratou-se de uma pesquisa de campo, de corte transversal, com abordagem quanti-qualitativa, descritiva, que foi realizada no Centro de Equoterapia da Pestalozzi na cidade de Maceió-AL. Teve duração de oito meses, sendo a pesquisa iniciada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro Universitário Tiradentes, por estar de acordo com a Resolução 466/12. Os participantes inicialmente, após a explicação sobre o objetivo da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e passaram a responder a uma entrevista semiestruturada, que buscava demonstrar a percepção que os pais e ou responsáveis das crianças praticantes de Equoterapia, tinham sobre a terapia com o cavalo.

As informações colhidas foram armazenadas em banco de dados, criados a partir do *software* Microsoft Excel 2017, por meio do qual, foi realizada a análise estatística e os resultados puderam ser apresentados por meio de gráficos e descritos para demonstração estatística, a partir das respostas do questionário, utilizando-se: *Teste Kruskal Wallis*, onde a probabilidade do estudo foi considerado  $> 95\%$ , e o nível de significância  $p < 0,005$ .

A entrevista aplicada aos pais e ou responsáveis dos praticantes da Equoterapia, possibilitou colher as informações como: nome, diagnóstico clínico, idade, tempo de tratamento, número de sessões já realizadas. Composta por perguntas como, o tempo que a criança utilizava a Equoterapia como tratamento; se o responsável observou alguma melhora na criança em relação ao quadro motor inicial, cognitivo, emocional e social; se a criança é acompanhada por uma equipe interdisciplinar (psicólogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional e fisioterapeuta); e se indicariam este método como recurso terapêutico à outra criança que julgassem necessitar. A entrevista foi realizada de forma individual pelos pesquisadores.

Como critério de inclusão para o estudo foi estabelecido que deveria participar da pesquisa apenas os responsáveis pelas crianças que apresentavam idade entre quatro a treze anos de idade, que praticavam a Equoterapia como tratamento no mínimo há seis meses e que fizessem tratamento no turno vespertino. Foram excluídos do estudo os responsáveis que não estavam capacitados a responder o questionário, ou seja, aqueles que apresentavam dificuldade de compreensão das perguntas e os responsáveis pelas crianças que fizessem tratamento em outro turno.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Encontra-se atualmente em tratamento no Centro de Equoterapia da Instituição Pestalozzi de Maceió-AL, um total de 200 crianças, sendo que 100 crianças realizam as atividades no cavalo, no turno vespertino, período escolhido pela equipe de estudo, em razão da disponibilidade para a coleta dos dados. Foi possível contar apenas com (50%) de participação, ou (50) pais e ou responsáveis, os demais não compareceram para levarem as crianças ao tratamento e não apresentaram justificativas.

A maioria dos praticantes de Equoterapia era do sexo feminino, com 28 crianças ou (56%), enquanto que as crianças do sexo masculino somavam (44%) ou 22

crianças, demonstrando significância para a diferença entre os sexos das crianças praticantes desta terapia ( $p= 0.2324$ ).

Quanto a faixa etária, foi observado que maioria das crianças se encontrava na faixa etária entre nove a treze anos de idade (28%), seguida da faixa etária de sete a nove anos (26%), e (22%) entre quatro a seis anos de idade. Sem diferença estatística significativa entre as faixas etárias dos participantes de Equoterapia no período estudado ( $p= 0.7880$ ).

Segundo Ande-Brasil (2010), a partir de dois anos de idade já é possível iniciar com este método terapêutico, após uma avaliação médica, fase em que se verifica que a Equoterapia é um dos tratamentos que poderá trazer mais benefícios para as crianças, principalmente quando conduzido por uma equipe multidisciplinar. A faixa etária das crianças deste estudo (4 e 13 anos de idade) corrobora com os estudos consultados, cuja média de faixa etária predominante entre os praticantes de Equoterapia esteve entre 3 a 15 anos de idade.

A maior parte das crianças que realizavam Equoterapia na Instituição do estudo, foram diagnosticadas como autistas, 48 crianças (96%), uma criança apresentava o diagnóstico de hidrocefalia, (2%), e a mesma quantidade com o diagnóstico de atraso mental, ou seja, uma criança. Não foram encontrados outros diagnósticos no período de realização do estudo.

O teste de Tukey demonstrou que o diagnóstico de autismo foi significativamente mais frequente que os diagnósticos de atraso mental e hidrocefalia ( $p < 0.01$ ) presentes entre as crianças praticantes da reabilitação com o cavalo. Por sua vez, a quantidade de crianças que apresentam diagnóstico atraso mental e hidrocefalia não diferiam entre si ( $p < 0.05$ ).

O estudo apresentado por Barros e Queiroz, realizado no mesmo lócus desta pesquisa em 2013, demonstrou naquele intervalo de pesquisa (1 ano), 25 (52,1%) eram crianças do sexo masculino e 23, crianças do sexo feminino, os diagnósticos apresentados pelos praticantes daquele estudo, foram de paralisia cerebral (37,5%), seguidos de síndrome de Down cinco participantes e outros diagnósticos clínicos apresentados como hidrocefalia, microcefalia, epilepsia, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), atraso no desenvolvimento motor, mielite transversa esquizofrenia e déficit motor.

A diferença entre os dois períodos de estudo, pode ter ocorrido em razão do seguimento estudado, onde este estudo se ateve num período de dois meses e apenas no turno vespertino, com apenas 50 pais e ou responsáveis, correspondendo a 50% dos pais/responsáveis pelas crianças deste turno estudado.

Outra diferença observada entre os dois estudos realizados na mesma Instituição, foi em relação ao intervalo de tempo em que as crianças se encontravam em tratamento, naquele estudo mostrou um período de dois a três anos de permanência em tratamento, enquanto que no estudo atual, a permanência ao tratamento com o cavalo foi de oito anos para a maioria das crianças.

Em relação ao sexo das crianças, entre os dois estudos apontados, no estudo anterior a maioria das crianças era do sexo masculino e no estudo atual, a maioria das crianças era do sexo feminino (56%).

Outra divergência foi em relação ao diagnóstico, onde anteriormente a maioria das crianças apresentava diagnóstico de Paralisia Cerebral, hoje foi encontrado apenas uma criança, (2%) com este quadro clínico, sendo agora prevalente o diagnóstico de Autismo, ou (96%) das crianças.

O estudo de Lampreia (2004) citou que o autismo é considerado como um transtorno do desenvolvimento, contendo déficits cognitivos severos de atenção e memória, que dificultam a realização da Equoterapia e sua manutenção ao tratamento. No entanto, 100% dos pais e ou responsáveis entrevistados, durante a presente pesquisa, consideraram como ótimo, a interação da criança com o cavalo e afirmaram que este fato contribuiu para a adaptação da criança à terapia.

O estudo de Fernandes, Neves e Scaraficci (2006), corroborando com os achados desta pesquisa, mostrou que os autistas manifestam uma memória fenomenal para armazenar informações como horários de ônibus, menus de restaurantes, datas, locais, como também um incrível senso de direção e orientação, não relacionando, porém, com a fixação ao tratamento.

Neste estudo, além de serem a maioria dos praticantes de Equoterapia na Associação Pestalozzi, os autistas apresentavam boa aceitação do tratamento, corroborando com Leitão em (2008), que também afirmou que a Equoterapia tem um efeito benéfico para os autistas, quando utilizou de forma lúdica a terapia e obteve resultados incríveis, na interação social, despertando nas crianças a empatia e o ato de confiar em si mesmo.

Holanda e outros autores (2013), também Nunes (2012), contrariando os achados deste estudo, disseram que a busca da atenção do praticante, foi o fator de maior dificuldade para a realização da Equoterapia, onde perceberam que o paciente autista se desliga do mundo e entra em isolamento, deixando de perceber o mundo que o circula.

A maior parte dos pais e responsáveis das crianças que participaram da pesquisa, afirmaram que as crianças com diagnóstico de autismo, demonstravam maior atenção e cooperação, após a interação com o equino, permitindo também melhor interação social.

De acordo com Meneghetti e outros autores (2009) a Equoterapia exige a participação do corpo inteiro dos praticantes, sendo benéfico principalmente ao paciente que tem paralisia cerebral, em particular a hidrocefalia, pois contribui para o seu desenvolvimento global. Neste estudo apenas uma criança apresentava o diagnóstico de Hidrocefalia, da mesma forma, seu responsável concordou que o tratamento trazia benefícios à criança. Com o cavalo a criança é levada a adotar um posicionamento que inibe alguns padrões posturais patológicos e induzem a inúmeros estímulos que chegam ao Sistema Nervoso Central e perturbam o equilíbrio e a postura.

Os estímulos mais importantes recebidos a partir da utilização do cavalo em galope são: regularização tônica, coordenação motora, ritmo, flexibilidade, fortalecimento muscular e do sistema respiratório, assim permitindo uma melhor postura e movimentos funcionais para as crianças com hidrocefalia (LERMOTOV, 2004).

Magalhães (1999) esclareceu que o programa de acompanhamento de crianças com atraso mental ou motor, devem prosseguir após os dois anos de idade, já que os distúrbios da prematuridade se fazem sentir, também, para além dessa faixa etária.

Já Pierce (2000) relatou que a criança com atraso mental apresenta dificuldades em lidar com os estímulos, pode não se envolver em brincadeiras, não interagir adequadamente e vir a apresentar dificuldades também no aprendizado. No entanto, o responsável pela criança que apresentava o diagnóstico de atraso mental relatou que o animal proporcionava um relaxamento à criança, que favorecia redução do comportamento agressivo, além de beneficiar o desenvolvimento da criança, sendo importante para a cognição e aprendizado.

Notou-se consenso entre os estudos consultados, que a orientação, atenção e concentração dos autistas e crianças com atraso mental, são fatores que demonstram melhores resultados, tendo a Equoterapia como uma terapia que influencia no desenvolvimento global da criança.

No estudo foi possível observar que 96% ou 48 pais e ou acompanhantes, perceberam melhora de suas crianças, com o tratamento realizado pela Equoterapia, em relação ao quadro inicial. Para este achado houve diferença com significância estatística ( $p < 0.0001$ ), quando a maioria dos pais e ou responsáveis afirmaram que observaram algum tipo de melhora das crianças, sendo que apenas 4% ou dois dos pais e ou responsáveis entrevistados, disseram não ter observado nenhuma melhora, mesmo com a criança recebendo o acompanhamento da equipe interdisciplinar.

A pesquisa demonstrou que 100% ou que as 50 crianças que realizavam tratamento no Centro de Equoterapia da Pestalozzi em Maceió-AL, recebiam acompanhamento da equipe interdisciplinar, estando sempre associados a tratamentos da fisioterapia, terapia ocupacional, psicologia e fonoaudiologia, sendo que 32 crianças (64%), eram praticantes de Equoterapia num período de dois a oito anos.

Todos os acompanhantes das 50 crianças praticantes de Equoterapia, do turno vespertino, afirmaram que elas realizavam uma sessão semanal, com duração de aproximadamente 30 minutos cada uma e que com este programa de tratamento observaram várias melhoras nas crianças.

Os acompanhantes das crianças praticantes da Equoterapia demonstraram perceber a importância deste recurso terapêutico, reconhecendo a melhora no desenvolvimento motor de 19 crianças (38%), cognitivo em 15 crianças (30%) e social em 14 crianças (28%).

Não foi possível observar diferença estatística significativa entre as respostas dadas pelos pais e ou acompanhantes das crianças praticantes de Equoterapia, quanto a possibilidade de diferenciarem o tipo de melhora observada por eles ( $p = 0.5357$ ), alegando melhora geral.

Segundo Lallery (1992) o ambiente onde é realizado o tratamento com o animal é natural, diferenciando da área urbana, constituído por picadeiro (piso em terra) e em área exterior, onde podem ser encontrados outros animais, plantas, árvores, baias etc. Neste sentido há uma riqueza de informações sensitivas, proprioceptivas e cinestésicas, que proporcionam sensações da posição do corpo e de movimento durante o contato físico entre o praticante, maneira como é chamado o paciente da Equoterapia e o animal. Essas informações propiciam uma nova imagem do corpo do praticante e, quando associadas às abordagens terapêuticas, favorecem o desenvolvimento do eu pessoal.



A família da criança deficiente, deve ser orientada pela equipe de saúde, quanto aos tratamentos necessários ao seu desenvolvimento global, desde o seu nascimento. As terapias associadas como a fisioterapia, terapia ocupacional, psicologia e fonoaudiologia, objetivam favorecer o desenvolvimento global da criança, no que tange a linguagem, comunicação, integração sensorial e os estímulos motores oferecidos a essa criança, todos transportados para o cotidiano deles, melhorando a coordenação motora, a mobilidade, o vestir-se sozinho, o comer, estimulando a independência e a autonomia desses praticantes, que também começam a criar uma relação com o animal e com toda equipe multidisciplinar.

O acompanhamento da equipe é necessário nas sessões, pois cada profissional poderá analisar e estimular as potencialidades de cada praticante (SILVA, 2006). Bracciali (1998) chamou a atenção para o papel do fisioterapeuta na equipe interdisciplinar, que deve observar as necessidades de cada praticante e da família, planejando e conceituando uma intervenção motora e sensitiva apropriada para cada situação e caso.

De acordo com Ande-Brasil – Associação Nacional de Equoterapia (2002), dentre outros estudos, o fisioterapeuta pode proporcionar melhora no alinhamento corporal, para o controle das sinergias globais e que o tratamento com cavalo traz diversos benefícios para a criança, tais como, estímulo para o desenvolvimento motor e sensorial, de linguagem, aprendizado, cognição, afetivo, equilíbrio, empatia e um dos principais, a interação social.

Com a melhora do aspecto motor global, as crianças são beneficiadas com maior inserção na sociedade. Assim a Equoterapia permite que as crianças com atraso mental, hidrocefalia e os autistas ampliem seu campo de relações interpessoais e passem a pertencer a outros grupos, além do familiar.

Quando questionado aos pais e ou responsáveis, se os mesmos indicariam a terapia com o cavalo para outras crianças, que na sua percepção precisassem desse método como recurso terapêutico, foi observado que 98% ou 49 deles, indicariam sim, a terapia a outros pais de crianças que percebessem que Equoterapia poderia contribuir para a reabilitação. Este resultado demonstra uma diferença estatística significativa ( $p < 0.0001$ ), quando apenas um acompanhante (2%), afirmou que não indicaria a Equoterapia como tratamento para outra criança, pois não observou boa evolução na sua criança.

A maioria (98%) dos pais e/ou responsáveis das crianças entrevistadas, expressou a importância do feedback da evolução da criança para a continuidade de seus investimentos, não escondendo a felicidade ao perceber a melhora de seus filhos a cada sessão, mostrando que consideram a Equoterapia um tratamento bastante eficaz, elogiando e, principalmente, fazendo indicação deste tratamento para outros pais com filhos que, ao seu entendimento, precisem deste recurso terapêutico.

#### **4 CONCLUSÃO**

Diante dos resultados encontrados, concluiu-se que os objetivos traçados foram atingidos, quando pode-se perceber que os pais e/ou responsáveis, apresentam

um olhar atento para os efeitos terapêuticos da Equoterapia, pois dentro de suas limitações como leigos, foram capazes de apontar os benefícios conquistados pelas crianças que praticam os exercícios no cavalo, no que tange ao quadro motor, cognitivo, psicológico e social.

Foi possível concluir que os pais e responsáveis indicariam esta terapia a outras crianças, também observar que as crianças do sexo feminino são maioria entre os praticantes de equoterapia, assim como o diagnóstico de autismo prevaleceu no seguimento do estudo, na Instituição Pestalozzi na cidade de Maceió-AL.

Por fim, concluiu-se que mais estudos são necessários, avaliando os praticantes da Equoterapia em sua totalidade e em cada condição clínica específica, para que se possa conhecer os benefícios terapêuticos da Equoterapia, individualizados por injúria e sob um olhar técnico, na Instituição lócus desta pesquisa, visto a escassez de publicações direcionadas ao assunto em destaque.

## REFERÊNCIAS

ANDE-BRASIL. Associação Nacional de Equoterapia. **Apostila do curso básico de equoterapia**. Brasília: Autor, 2010

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. Fundamentos básicos sobre equoterapia. I Congresso Brasileiro de Equoterapia. **Coletânea**. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia, 1999

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA - ANDE – BRASIL. **Curso Básico de Equoterapia**. – Brasília: 2002.

BARROS, J.E.S.L; QUEIROZ, C.M.B; JUNIOR A.T.O. *et al*. Perfil dos praticantes do centro de equoterapia da Instituição Pestalozzi da Cidade de Maceió (AL). **Caderno de Graduação – Ciências Biológicas e da Saúde, Maceió, v.1, n.3, p.137-146, nov. 2013.**

BRACCIALI A.C.; NAGAYOSHI B.A.; MACHADO M.F. *et al*. **Análise do programa de equoterapia: 2009-2011**. VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, Londrina, p.2836-2846, 8 a 10 nov. 2011.

FERNANDES, Alisson V.; NEVES, João V.A.; SCARAFICCI, Rafael A. **Autismo**. Instituto de Computação, Universidade Estadual de Campinas-SP, 2004. p.1-9.

FRAZÃO, T. Equoterapia: recurso terapêutico em discussão. **O COFFITO**, v.4, n.11, jun. 2001.

FREIRE, H.B.G. **Equoterapia: teoria e técnica: uma experiência com crianças autistas**. São Paulo: Vetor, 1999.

- FONSECA, L.F.; LIMA, C.L.A. **Paralisia Cerebral**: neurologia, ortopedia, reabilitação. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- HOLANDA, R.L.; LIMA, F.S.P.; LOBO, L.B.C. *et al.* Equoterapia e cognição em pacientes autistas: um estudo de caso. **Revista Expressão Católica**, jul-dez. 2013.
- LADISLAU, E.B.; REIS, J.G.R.; MATOS, U.O. **A importância da implantação da equoterapia no tratamento de pessoas portadoras de deficiências pelo sistema de saúde do estado do Pará**. 2000. Monografia (Especialização em Saúde Pública) – Universidade Estadual do Pará – UEPA, Pará, 2000.
- LALLERY, H. **A equitação terapêutica**. Brasília: Associação Nacional de Equoterapia, 1992
- LAMPREIA, C. Os enfoques cognitistas e desenvolvimentistas no autismo: uma análise preliminar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.17, n.1, 2004.
- LEITÃO, L. About riding therapy: A critical approach. **Scientific e Educational Journal of Therapeutic Riding**, v.9, p.33-64, 2008.
- LERMONTOV, T. **A psicomotricidade na equoterapia**. Aparecida- P: Ideias & Letras, 2004.
- MARINS, B.B. **O cavalo como instrumento psicomotor**. 2010. Disponível em: <<http://equitacaoespecial.blogspot.com/2010/09/psicomotricidade-e-equoterapia-o-corpo.html>>. Acesso em: 23 abr. 2018.
- MAGALHAES, L.C. *et al.* Estudo longitudinal do desenvolvimento de recém-nascidos pré-termo: avaliação na idade pré-escolar. **Revista Brasileira de Neurologia**, v.35, n.4, p.87-93, 1999.
- MEDEIROS, M.; DIAS, E. **Equoterapia**: bases e fundamentos. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.
- MEDEIROS, M. Histórico. **Texto elaborado para esclarecimento da origem da Equoterapia**. Disponível em: <<http://www.equoterapia.com.br/artigos/artigos-07.php>>. Acesso em: 22 out. 2017.
- MENEGHETTI, C.H.Z. *et al.* Intervenção da equoterapia no equilíbrio estático de crianças com síndrome de Down. **Revista Neurociência**, v.17, n.4, p.392-396, 2009.
- NIEHUES, J.R.; NIEHUES, M.R. Equoterapia no tratamento de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): Implicações pedagógicas. **Revista Neurociência**, v.22, n.1, p.121-126, 2014.

NUNES, M. *et al.* **Diretrizes para o ensino de avaliação psicológica.** Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica. 2012. Disponível em: <[http://www.ibapnet.org.br/docs/ensino\\_de\\_avaliacao\\_psicologica.pdf](http://www.ibapnet.org.br/docs/ensino_de_avaliacao_psicologica.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2018.

PIERCE, D.O. **Potencial da recreação com objetos para lactentes e crianças na primeira infância em risco de atraso no desenvolvimento.** In: PARHAM, L.D.;

FAZIO, L.S. **A Recreação na terapia ocupacional pediátrica** (Cap. 6). São Paulo: Santos, 2000. p.86-111.

SANTOS, M.R. Atuação da equoterapia na qualidade de vida de um paciente com esclerose múltipla. 2009. Monografia (Especialização em intervenção fisioterapêutica nas doenças neuromusculares) – UNIFESP, 2009.

SANTOS, T.M.F. **Deficientes físicos e mentais apostam nos cavalos em busca da recuperação.** Disponível em: <[http://www.wmulher.com.br/print.asp?id\\_mater=sau](http://www.wmulher.com.br/print.asp?id_mater=sau)>. Acesso em: 4 out. 2017.

SILVA, M.C. **A percepção das mães de crianças atendidas em equoterapia.** 2006. 208f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 1 jun. 2006. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp025542.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2017.

SILVA, J.P.; AGUIAR, O.X. Equoterapia em crianças com necessidades especiais. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, ano VI, n.11, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.revista.inf.br/psicologia11/pages/artigos/edic11anosVINov2008-artigo03.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2017.

STARLING, J.M.P. **Efeitos da equoterapia no controle postural, equilíbrio, função motora grossa e qualidade de vida de crianças e jovens com paralisia cerebral.** Belo Horizonte-MG, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-ADSKBA>>. Acesso em: 5 out. 2017.

WOLLRAB, T.I. Animals contribute service to society – therapeutic riding: horses helping humans. **American Veterinary Medical Association**, v.212, n.4, feb. 1998.

---

**Data do recebimento:** 7 de Junho de 2018

**Data da avaliação:** 14 de Agosto 2018

**Data de aceite:** 28 de Agosto de 2018

---

---

1 Acadêmica em Fisioterapia pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT-AL. E-mail: marilanes90@gmail.com

2 Acadêmica em Fisioterapia pelo Centro Universitário Tiradentes – UNIT-AL.

E-mail: nathaniacarla@hotmail.com

3 Mestre em Ciências da Saúde; Docente do curso de Fisioterapia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT-AL. E-mail: rosiff58@gmail.com

